

GRAFITES APOTROPAICOS E MATERIALIDADE: UMA PERSPECTIVA PÓS-COLONIAL NOS ESPAÇOS ESCRITOS

Pedro Paulo Funari¹

Renata Senna Garraffoni²

Resumo

Construído a partir das teorias arqueológicas pós-coloniais e de um estudo anterior sobre grafites apotropaicos de um dos autores, neste artigo discutimos a importância de este *corpus* de grafites como fonte para um estudo de gênero sobre o cotidiano romano. O objetivo deste artigo é, portanto, distinto do que o inspirou, mudando a perspectiva para a importância do espaço da escrita para repensar a identidade romana no início do Principado. Argumentaremos que espaços da escrita, quando analisados a partir de sua materialidade, se torna evidência para a discussão de conflitos sociais, identidade e diversidade na sociedade romana. Também permitem uma leitura mais balanceada do Império, levando em consideração as diferentes visões de mundo das pessoas de origem humilde.

Palavras-chave

Epigrafia Romana; Pompeia; Arqueologia pós-colonial.

¹ Professor Titular - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, Brasil. E-mail: ppfunari@uol.com.br.

² Professora Doutora - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Brasil. E-mail: resenna93@ufpr.br.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.7, n.2 - 2022.2. p. 19-42.

DOI: 10.34024/herodoto.2022.v7.15467

Abstract

Building on post-colonial archaeological studies and earlier reflections on apotropaic graffiti by one of the authors, we shall now discuss the value of this *corpus* of graffiti as evidence for a gender approach of Roman daily life. The aim of this paper changed considering the former one to an approach which emphasises the role of graffiti and the urban written spaces in rethinking Roman identity during the Early Principate. We shall argue that such written-on spaces, when analysed in their material context, can be taken as evidence in the discussion of social conflicts, identity and diversity in Roman society. They also enable a more balanced approach to the Roman Empire by taking into consideration the worldviews of people of humble origins.

Keywords

Roman Epigraphy; Pompeii; Post-colonial Archaeology.

Introdução

Escrever nas paredes é um dos hábitos mais antigos da humanidade e um componente da comunicação e representação visual que as pessoas usam desde os primórdios conhecidos da arte rupestre (Baird; Taylor, 2011). Dada a essa antiguidade, os significados simbólicos e culturais do ato de escrever ou desenhar nas paredes, assim como seu conteúdo, se modificaram bastante tanto no tempo e quanto no espaço. Basta pensarmos como hoje em dia escrever nas paredes pode ser passível de punição legal, algo completamente desconhecido no passado. Diversidade cultural, de modos de perceber e significar o mundo e mesmo sua efemeridade são os fatores nos levaram a um estudo mais detido dos grafites das paredes de Pompeia (Garraffoni, 2022). Ou seja, por não serem textos completos nos encantamos com sua potencialidade desestabilizadora: classistas, muitas vezes acostumados a discutir princípios da filosofia e do pensamento ocidental a partir de textos de oradores, historiadores, filósofos, retóricos e poetas romanos, podem se surpreender com a concisão da crítica de um grafite a um político local ou uma reflexão sobre a vida, a morte, o amor.

Os grafites de Pompeia nos oferecem uma excelente oportunidade para o estudo dos aspectos materiais da escrita de várias maneiras. Os diferentes objetos e materiais usados para dar forma às inscrições estão relacionados a suas várias funções. Grafites podem ser definidos como incisões nas paredes feitas com um estilete (*graphium*), mas podem ser encontrados em vários lugares. Funari (2003: 108) afirma que, em contraste com as inscrições de tintas feitas por pincéis (*tituli picti*), os grafites podem ser entendidos como inscrições manuscritas não oficiais que se diferenciam daquelas maiores escritas para uma maior visibilidade como anúncios ou pedidos de pagamento de taxas. Além disso, cobrem uma variedade de temas cotidianos, o que define algumas de seus traços essenciais: podem tratar de qualquer tema e são efêmeros. O acesso aos grafites quase sempre é acidental, é um tipo de escrita que frequentemente aparece fragmentada e, embora boa parte esteja em latim, também podem ser encontrados em grego ou outras línguas antigas.

Compondo, portanto, um *corpus* epigráfico bastante heterogêneo, os grafites têm sido estudados de diferentes maneiras ao longo das décadas (e.g. debates na no campo da história social, diferentes tipos de *ethos* popular, a criação de variações na língua latina, expressão de visões de mundo, memórias e sentimentos, etc). Mesmo que os grafites não ofereceram uma teoria mais elaborada sobre a vida, o contexto de onde provém, as formas como as pessoas comuns pensam o mundo e as

situações cotidianas, eles proporcionam uma ampliação de nossa visão sobre a sociedade (Funari, 2003: 113). Seguindo essa lógica da posição marginal ou subalterna, pesquisadores têm enfatizado, nas últimas décadas, o potencial dos grafites como fontes. Williams (1999), por exemplo, afirma que os grafites são importantes fontes de estudo do homoerotismo romano; Feitosa (2005) e Clarke (2001), por sua vez, os estudaram expandindo a discussão sobre amor e sexualidade entre os romanos que não pertencem às elites.

Neste sentido, no presente artigo focaremos em um tipo particular de grafites, os chamados apotropaicos, encontrados em diferentes áreas de Pompeia – em especial próximo às áreas do prostíbulo – com o objetivo de discutir alguns conceitos na tentativa promover aquilo que Lucy Grig (2017: 2) chamou atenção em sua discussão sobre cultura popular: ir além das categorias cima-baixo (*top-down*) e buscar construir um desenho mais autêntico do contexto romano do início do Principado. Para tanto, focaremos neste tipo particular de grafite, os apotropaicos, para enfatizar que o lugar que se encontram nas paredes podem gerar novas reflexões sobre a vida urbana. A proposta de análise está baseada nos estudos pós-coloniais e, também, em um estudo prévio de um dos autores (Funari, 1993) e avança do sentido de atualizar o debate e enfatizar como os grafites são evidências importantes para estudos sobre questões de gênero no cotidiano romano. Neste sentido, o objetivo central deste artigo mudou bastante com relação ao anterior de Funari, pois agora visa enfatiza não só papel do grafite como fonte, mas também os espaços da escrita urbana para repensar a identidade romana no início do Principado. Argumentaremos que os espaços de escrita, quando analisados em seu contexto material, podem ser fontes para o estudo de conflitos sociais, identidade e diversidade na sociedade romana, permitindo leituras mais balanceadas do Império Romano levando em consideração as visões de mundo das pessoas de origem mais humildes.

O hábito epigráfico e a materialidade do grafite

Inscrições são importantes para reconstruir vários aspectos da sociedade romana como política, economia ou cultura e podem ser interpretadas de muitas maneiras dada sua diversidade. Alföldy (2003) comenta que, durante o período de Augusto há uma explosão epigráfica e, baseando-se no conhecido estudo de McMullen (1982), afirma que os romanos desenvolvem uma cultura epigráfica e transformam as inscrições dos mais variados tipos em um meio de comunicação eficaz, difundindo

valores simbólicos e atingindo a opinião pública nas mais distintas esferas.

No entanto, é preciso ressaltar que não há um consenso entre os estudiosos sobre como definir o que consiste em uma inscrição e os meios de abordá-las. López Barja (1987), por exemplo, afirma que, para alguns, uma inscrição pode ser definida como a escrita em uma superfície dura, enquanto para outros o fator de definição da inscrição é a própria escrita em si, sua forma e conteúdo, não a importando o local onde foi cunhada. Esse descompasso entre as duas perspectivas metodológicas geraria aquilo que Funari (1994) definiu como uma encruzilhada dos estudos epigráficos. Para Funari, a principal dificuldade produzida por esse impasse reside no fato de que alguns especialistas publicam a tradução das inscrições, mas não comentam o contexto material em que foram encontradas, criando um fosso entre a cultura material e a inscrição epigráfica. Nesse sentido, epigrafistas acabam desconhecendo os trabalhos de arqueólogos e vice-versa dificultando um diálogo que poderia ser profícuo para ambas as áreas de especialização.

Embora haja esse debate no campo da epigrafia, alguns aspectos são mais consensuais entre os estudiosos. Muitos afirmam que as inscrições variam em quantidade tanto no tempo como no espaço. López Barja (1987), assim como Meyer (1990), afirma que há uma maior ocorrência em áreas urbanas e no período imperial e que, na parte ocidental do império, há uma predominância de inscrições em latim, enquanto na parte oriental há muitas inscrições em grego. Mesmo diante da variedade de tipos e formas de inscrições, López Barja afirma que, quando um estudioso transforma a inscrição em fonte primária para sua investigação acerca do mundo romano, deve considerar suas particularidades como os aspectos legais, religiosos ou urbanísticos que podem vir a expressar. Ao destacar que os dados epigráficos não equivalem a uma realidade objetiva, indica que elas precisam ser interpretadas de acordo com seus limites e potenciais³.

Essas considerações nos levaram a discutir as inscrições de Pompeia considerando seu suporte material, as paredes, que podem ser estudadas em diferentes níveis. Por um lado, os grafites podem nos informar sobre a vida e seus prazeres, por outro, ajudam a iluminar padrões de hábitos e deslocamentos espaciais já que seus autores andavam pelas ruas a pé, materializando discursos de pedestres (Keegan, 2011: 166). Como

³ Este debate inicial é parte de um estudo mais amplo publicado como Garraffoni e Pantaleão, 2010: 72-73.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.7, n.2 - 2022.2. p. 19-42.

DOI: 10.34024/herodoto.2022.v7.15467

Pompeia é um dos maiores sítios arqueológicos da Europa, contém uma grande quantidade de material ainda por ser estudado, incluindo as paredes que foram preservadas. As paredes que sobreviveram à erupção vulcânica se tornaram um tipo muito particular de *corpus* arqueológico: há pinturas, de diferentes períodos e uma grande quantidade de inscrições, constituindo um rico e heterogêneo material de estudo. As inscrições nas paredes de Pompeia podem ser divididas em dois grandes grupos: *tituli picti* e os grafites. A maior parte dos *tituli picti* aparecem como espécie de posters chamados de *programmata*. Produzidos para campanhas eleitorais, *programmata* constituem um *corpus* único para estudar eleições municipais na sociedade romana (Savunen, 1995). *Tituli picti* também incluem anúncios de espetáculos de gladiadores que ajudam a entender diferentes aspectos dos *munera* e suas estruturas dinâmicas (Garraffoni, 2021; Weeber, 1996).

Ambos os tipos de anúncios eram pintados do lado de fora dos edifícios por profissionais e podiam ser lidos a longa distância. Os grafites, no entanto, são inscrições pequenas feitas por pessoas comuns. Essa situação possibilitou um tipo particular de interação com o suporte material e estimulou o/a leitor/a a responder ou modificar a inscrição. Devido a essa interação, consideramos as paredes – suportes materiais sobre os quais os grafites foram inscritos – como parte constitutiva da relação com o/a leitor/a; em outras palavras, qualquer lugar onde o grafite tenha sido riscado leva a uma relação particular entre superfície, texto, imagem, autor e público (Baird; Taylor, 2011: 6). Assim, o grafite pode ser considerado não apenas uma caligrafia informal e fragmentada, mas também, como apontam Baird & Taylor (2011: 7), uma forma de prática de escrita ou ato de fala.

Como Pompeia, no início do Principado, era uma cidade com uma vida comercial movimentada, muitas pessoas percorreram suas ruas e deixaram mensagens em seus muros, chegando a quase onze mil inscrições registradas (Feitosa, 2005: 61). O grande número de grafites, aliado a um ambiente urbano repleto de atividades cotidianas, nos fornece dados que ajudam a compreender melhor o cotidiano romano. Como hoje em dia os estudiosos assumem que qualquer pessoa que soubesse escrever poderia deixar uma mensagem riscada nas paredes (Baird; Taylor, 2011), como já indicado, neste artigo nos concentraremos em alguns tipos de grafites que podem ser associados a grupos populares e discutir sua visão de mundo. Nossa abordagem não pretende criar uma divisão entre cultura popular e cultura erudita; ao contrário, busca formas de compreender a diversidade de testemunhos escritos deixados pelos romanos. Nesse sentido, olhamos para este tipo particular de

inscrições romanas a partir de uma perspectiva que considera o suporte material e o contexto em que foi encontrado e, assim, procuramos criar meios alternativos de interpretação da vida cotidiana das pessoas comuns.

Para tanto, adotamos uma abordagem pós-processual para o estudo do grafite de Pompeia. Como afirmam Baird & Taylor (2001: 3), a contextualização do grafite como um tipo particular de evidência material permite novas contribuições para diversos debates sobre a oralidade, a relação entre texto e imagem e a performance ou construção material da memória. Essa busca por formas alternativas de pensar os espaços escritos pode levar os classicistas a repensar suas teorias e métodos, bem como suas interpretações de sociedades passadas (Garraffoni; Laurence, 2013). Como já observou Ucko (1995), essa perspectiva também pode contribuir para a construção de uma pluralidade de interpretações. Um estudo de caso, portanto, tem o potencial de servir como uma ferramenta analítica (van Dommelen, 1997). Se vincularmos essas questões e considerarmos a superfície material sobre a qual qualquer inscrição é rabiscada e observarmos como o latim é usado nela, podemos reconsiderar a ideia do latim como língua restrita a determinados membros da elite e compreender as diversas manifestações assumidas por esta escrita em cada contexto. Ao não centrarmos nossa percepção da escrita em textos canônicos ou monumentos oficiais com suas abreviaturas padronizadas, podemos capturar a lógica inerente às diferentes formas de expressão e evitar a noção de transferência cultural, seja dos romanos para os nativos ou da elite para as classes mais baixas.

Nesse sentido, a variedade evidências manuscritas evita as limitações dos textos clássicos ou das inscrições monumentais e, ao mesmo tempo, considera as formas de expressão das camadas populares, explorando uma maior diversidade de visões de mundo e opiniões. Mesmo que a escrita de homens e mulheres de origem humilde seja encontrada em menor quantidade, seu valor é inegável (Barbet, 1987; Bowman; Woolf, 1998; Feitosa, 2005; Funari, 1991; 1993; Garraffoni, 2021; Langner, 2001; Sabbatini Tumolesi, 1980; 1988).

Inscrições apotropaicas de Pompeia: um estudo de caso

Antes de discutir o *corpus* apotropaico e os suportes materiais que selecionamos para esta ocasião, devemos ressaltar que os grafites aparecem em diversos lugares, dentro e fora de casas e outros edifícios. Isso significa que eles podem ser lidos por pessoas diferentes, *Heródoto*, Unifesp, Guarulhos, v.7, n.2 - 2022.2. p. 19-42.
DOI: 10.34024/herodoto.2022.v7.15467

dependendo de onde foram arranhados. Por isso, o contexto material em que o grafite foi inscrito precisa ser analisado caso a caso. Por exemplo, o número e o tipo de pessoas que lêem os grafites em uma casa ou *uilla* dependeria do nível de acesso de estranhos a diferentes cômodos do edifício. A conhecida inscrição '*Rufus est*' (Este é Rufus; CIL VI, 9226) acompanhada de um desenho que exagera a calvície, nariz e queixo de Rufus, e acentuando suas orelhas muito pequenas e lábios sem dentes, é uma caricatura/crítica a um membro da elite da cidade. Este grafite, encontrado na parede norte do átrio (sala 64) da chamada *Villa dei Misteri* (*Villa dos Mistérios*) está na sala principal, acessível aos hóspedes. Como se trata de uma fazenda romana suburbana bem preservada nos arredores de Pompeia, a presença da caricatura de Rufo sugere várias implicações: rivalidades entre a elite; tolerância do grafite por parte do rico proprietário da *uilla*; o tipo de crítica que só as pessoas permitidas a circular na casa poderiam ter visto.

Outros grafites podem ter sido lidos por um número bem maior de pessoas, como no caso de uma discussão entre dois homens, que foi encontrada em um bar (I.10.2 Pompeia. *Caupona di Coponia* ou *Thermopolium de Prima* ou *Caupona de Iris*. Ligado à inscrição I .10.3. Escavado em 1927 e 1934). Esses dois homens eram indivíduos humildes tentando conquistar o amor de uma atendente escrava de um bar. A troca de mensagens em uma taverna implica em alfabetização, mesmo em um nível social menos nobre, como é o caso em outros lugares de Pompeia. De acordo com Della Corte (CIL IV 8259-58), o conjunto de perguntas e respostas entre os dois homens aparece em letras minúsculas à direita da entrada. Os nomes dos homens eram Severo e Sucesso:

*Successus textor amat coponiaes ancilla(m)
nomine Hiredem quae quidem illum
non curat sed illa com(m)iseretur
scribit rivalis vale*

*invidiose, quia romperes, sedare noli formonsiorem,
et qui est homo pravessimus et bellus. [CIL IV 8259]*

*Dixi scripsi amas Hiredem, quae te non curat. Sev (erus?) Successo, ut su[p]ra(?)...s...
Severus [CIL IV 8258]*

(Severo) – Sucesso, o tecelão, ama a escrava taberneira chamada Iris.
Ela, no entanto, não o ama.
Ainda assim, ele implora que ela tenha pena dele.
Seu rival escreveu isso. Adeus.

(Resposta de Sucesso) – Intervéns porque és um invejoso.
Não queiras bancar o engraçadinho, seu mau-caráter galanteador.

(Resposta de Severo) – Disse e escrevi a verdade: tu amas Iris que não quer saber de ti. De Severo a Sucesso, o que escrevi é exatamente o que se passa. Assinado Severo. (Tradução de Funari, 1989: 19)

A discussão entre Sucesso e Severo indica que as pessoas costumavam interagir com grafites com mais frequência em espaços como tavernas. Assim, responder a um grafite fazia parte da prática de interação com o suporte material (as paredes), embora possamos encontrar mais exemplos dessa atitude em locais menos controlados do que a *uilla* onde a inscrição sobre Rufo foi encontrada. Grafites, portanto, podem ser descritos como sendo imediato e carregado de emoções (Barbet, 1987); podem servir como evidência de um impulso pessoal, expressando uma visão de mundo particular, como uma caricatura do político local Rufo ou uma discussão amorosa em uma taverna, mas o lugar onde eles são marcados, ou seja, sua materialidade, pode nos ajudar a entender como as pessoas alfabetizadas interagem na vida urbana.

Apesar do pessimismo de alguns estudiosos quanto à possibilidade de acessar o testemunho de pessoas comuns (MacMullen, 1990: 186) ou sua caracterização como grosseira e vulgar (Cèbe, 1966: 372), há uma consciência crescente de que visões como as chamadas 'antigo desprezo por qualquer atividade manual' não deve ser aplicado à *Weltanschauung* das pessoas. Os altos níveis de alfabetização entre os romanos comuns⁴ fortalecem a noção de que havia, de fato, diferentes tipos de identidades romanas e diferentes maneiras de falar e estar no mundo. Isso pode ser melhor compreendido se tomarmos as inscrições apotropaicas como estudo de caso e tentar nos aproximar do *ethos* e da religiosidade das pessoas comuns por meio desse tipo de epigrafia. Tomando como estudo de caso as inscrições parietais de Pompeia, particularmente seus grafites apotropaicos – como discutido na sequência – argumentamos que os grafites feitos por pessoas comuns constituem uma espécie de discurso social e têm o potencial de iluminar aspectos da vida e sentimentos romanos que raramente foram explorados pelos estudiosos.

Atos e símbolos apotropaicos para afastar o mau-olhado ou as más influências desempenharam um papel importante na sociedade romana. As representações e ilustrações fálicas foram especialmente usadas para afastar feitiços malignos (cf. o verbo grego 'ἀποτρέπω', desviar, evitar): 'contra inuidantium effascinationes' (contra encantos invejosos; Plínio Nat. His. 19, 50). Há um consenso de que a função apotropaica do falo estava

⁴ Como indicam estudos de caso epigráficos, veja, por exemplo, Gichon, 1986: 585; Funari, 1989; Garraffoni; Funari, 2009; Garraffoni, 2008.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.7, n.2 - 2022.2. p. 19-42.

DOI: 10.34024/herodoto.2022.v7.15467

ligada à sua associação com a fertilidade (Adams, 1987: 5-6). Diferentes termos usados para se referir ao falo – por exemplo. ‘*mentula*’, ‘*verpa*’, ‘*fascinum*’, ‘*phallus*’ e até ‘*cauda*’ – são considerados apotropaicos. Surpreendentemente, porém, não se acredita que expressões relacionadas, especialmente aquelas referentes à relação sexual com uma mulher, tivessem conotações apotropaicas. Adams (1987: 120) postula assim que o verbo ‘*futuo*’ (foder) ‘foi usado livremente como um termo técnico sem emoção em prostíbulos tanto por clientes como prostitutas’.

Impressionado com a ubiquidade dos símbolos fálicos entre as pessoas comuns, o antropólogo Pina-Cabral (1993: 117-8) foi motivado a estudar o simbolismo genital na cultura popular portuguesa. Ele concluiu que o objetivo da exibição dessas imagens “é capturar o poder e usá-lo”. Em nossa própria experiência com inscrições cursivas romanas, ficamos impressionados com as referências ao falo e o uso repetido de expressões referentes às relações sexuais masculinas com mulheres. Depois de ler muitos grafites de pessoas comuns em Pompeia, presumimos que existia uma ligação direta entre as representações fálicas e as referências à relação sexual masculina, relacionadas tanto à fertilidade quanto à boa sorte/fortuna.

Embora as obras *The Garden of Priapus*, de Richlin, e *Sex or Symbol?*, de Johns, lidem com o falo e suas conotações apotropaicas, nenhuma delas dão atenção aos aspectos materiais como as inscrições nas paredes. Richlin (1983) e Johns (1982), entre outros, contribuíram muito para nossa compreensão em geral do simbolismo fálico, particularmente como é representado em evidências de elite, como textos literários e pinturas. Mesmo que os escritos das pessoas comuns não se oponham necessariamente às expressões escritas da elite, pois ambos se referem a uma mesma sociedade e cultura, não deixa de ser razoável enfatizar a diversidade de visões de mundo espalhadas pelos muros de Pompeia.

Desenhos fálicos não são incomuns nas paredes de Pompeia; podemos encontrá-los em diferentes edifícios da cidade, incluindo casas, teatro e prostíbulos. A localização do suporte material destes desenhos e textos (ou seja, as paredes) está relacionada com o acesso das pessoas aos diferentes edifícios e instalações. Os grafites encontrados nas casas geralmente estão localizados no átrio, peristilo ou jardim, principalmente nas colunas, que são locais que poderiam ter sido acessados por vários tipos de pessoas – familiares do dono da casa, amigos e escravos. Os desenhos itifálicos são particularmente interessantes, pois nesses casos o ‘*erectum fascinum*’ (falo ereto) é muitas vezes maior que o próprio homem. Em uma parede perto do teatro há um desenho de um gladiador itifálico

usando seu pênis como arma (Vivolo, 1993: 148-9 - Figura 01). As conotações fortemente religiosas do combate de gladiadores (Hugoniot, 1992: 12) sugerem que a representação fálica do gladiador pretendia protegê-lo contra o mal⁵.

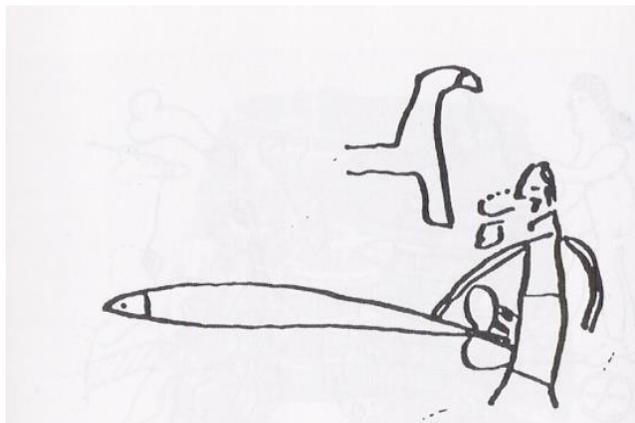


Figura 01

Um desenho fálico poderia funcionar como substituto de um texto apotropaico, com o desenho atuando como o próprio objeto apotropaico. Outro desenho itifálico (CIL IV, 4566; Figura 02) encontrado no jardim de uma casa é seguido por uma inscrição pouco clara: '*Felicio tomintare*'. Ninguém ainda conseguiu explicar o significado deste grafite, cuja segunda palavra pode derivar do verbo latino '*tumeo*' (inchar) ou de '*torqueo*' (torcer), enquanto a palavra *felicio* deriva de '*felix*' (fértil, sortudo) (Väänänen, 1937: 43; 49). O grafite poderia, assim, ser interpretado como uma referência a um falo que está sendo balançado ou endurecido. Boa sorte e fertilidade também podem ser associadas ao desenho de um homem cuja cabeça está, parcialmente, em forma de falo (Vivolo, 1993: 179) (Figura 03). Desenhos fálicos poderiam atuar como proteção contra o mau-olhado ou o desprezo feminino. Sociedades dominadas por homens, de caráter falocêntrico (Gold, 1993: 79), tendem a gerar medo das avaliações sexuais das mulheres sobre os homens. As mulheres não eram impotentes, pois podiam escolher seus companheiros (Gilmore, 1990). Um grafite de um homem chamado Fortunato, encontrado dentro da sala de jantar de uma casa, é um exemplo disso (CIL IV, 4498; Figura 04): '*Thyas noli amare Fortunatu<m> uale*' (Thyas não quer amar Fortunatus. Até a próxima). Um desenho de um falo, que aparece antes da despedida, é um amuleto de boa sorte.

⁵ Cf. Porph. *Ad. Epod.* 8, 18; Tupet, 1986: 2609; 2675.



Figura 02

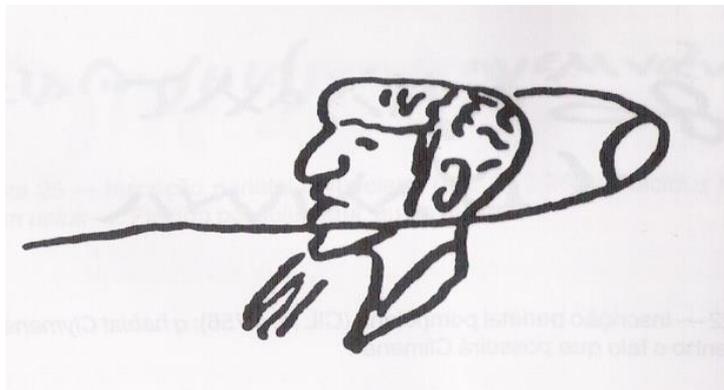


Figura 03

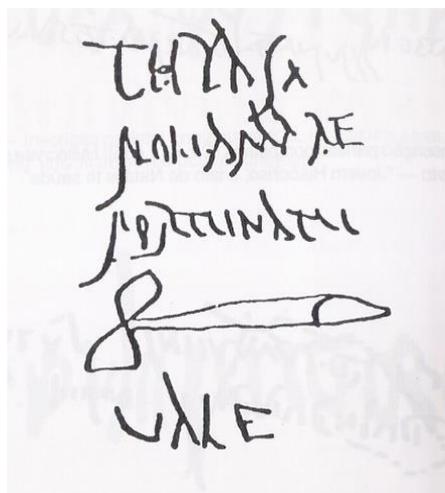


Figura 04

Um desenho fálico, em um peristilo, também poderia servir como substituto para a palavra falo em uma frase, como em CIL IV, 4756 (Figura 05): 'q() habiat Clymene <phallum>' (Clymene, segure o falo) (Väänänen, 1937: 62). O significado da primeira letra, aparentemente um 'q', não é claro. Talvez devêssemos supor que o falo é o agente ou sujeito da frase 'describo phallum quod habiat Clymenen' (eu desenho este falo que terá relações sexuais com Clymene) (Väänänen, 1937: 173-5). A associação destes desenhos fálicos com mensagens escritas foi provavelmente destinada a trazer boa sorte, e a sua localização em espaços regularmente acessíveis às famílias em questão, aos seus escravos e visitantes e em casas de diferentes bairros, nos permite supor que foram assim colocados para serem vistos e lidos em voz alta. A força associada ao órgão masculino também é clara em outros grafites, como em CIL IV, 1655 (Figura 06): 'Hysocryse puer Natalis uerpa te salutat' (Jovem Hysocrysus, Natalis, o falo te saúda). De fato, como escreve Montero (1991: 69), "os genitais masculinos, como símbolo da natureza criadora, eram respeitados com piedade religiosa como representação das forças misteriosas da criação e, ao mesmo tempo, eram usados como amuletos apotropaicos contra todos os mal humano e divino".

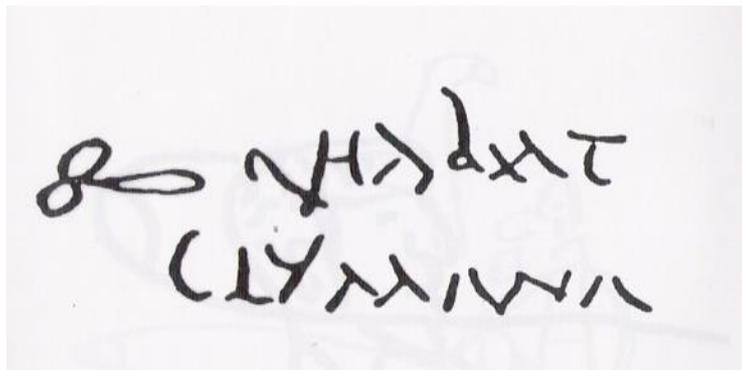


Figura 05

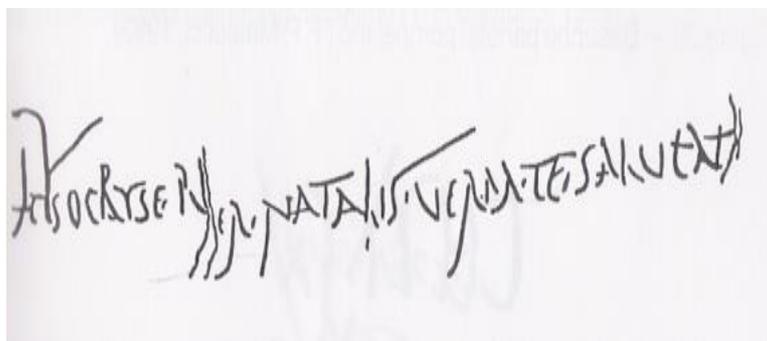


Figura 06

Os grafites pompeianos que se referem explicitamente a relações sexuais entre homens e mulheres também são muito comuns. De acordo com Cantarella (1988: 276), “a mentalidade sexual dos homens romanos era a de um estuprador, um estuprador consumado”. A palavra mais popular usada nas paredes era o verbo *futuo* ou termos relacionados⁶. Como é o caso do seu homólogo grego ‘βινέω’, que também é atestado em Pompeia (por exemplo, CIL IV, 8767), este é um termo associado, em textos antigos, ao uso da força (Lamberterie, 1991: 149; 156). No entanto, como enfatizou Boardman (1992: 239-40), referências fálicas e relações sexuais com mulheres não significam necessariamente agressão de homens contra mulheres. De fato, a maioria dos grafites que se refere às relações sexuais (*fututiones*) não é ofensivo e parece ter as mesmas conotações apotropaicas que suas contrapartes fálicas.

Por último, mas não menos importante, gostaríamos de nos concentrar em um suporte material específico para o grafite, a saber, as paredes dos prostíbulos de Pompéia e, mais especificamente, o localizado na esquina do *Vico del Lupanare*. Esta área fica perto do fórum e é possível supor que fosse um local onde as pessoas se encontravam e relaxavam nos bares próximos. Aqui os transeuntes teriam se deparado com um espaço escrito exibindo uma variedade de inscrições, como cartazes eleitorais pintados, anúncios lutas de gladiadores e grafites sexuais. Por estarem em uma área povoada da cidade, essas inscrições atestam uma intensa interação social e pessoal e exemplificam um encontro entre inscrições pintadas e grafites feitos por pessoas comuns. Essas paredes nos permitem pensar sobre como a política e os prazeres interagem na vida cotidiana.

No que concerne aos grafites, todos situados dentro do prostíbulo, muitos deles se referem ao ato sexual. A maioria é claramente inócua, como CIL IV, 2246 (Figura 07): ‘*hic ego cum veni, futui, deinde redei domi*’ (vim para cá, fodi e finalmente voltei para casa). Da mesma forma, ‘*Placidus hic futuit quem uoluit*’ (Placidus fodeu aqui quem ele quisesse) (CIL IV, 2265, Figura 08). Algumas frases são complexas: ‘*futebatur, inquam futuebatur, ciuium Romanorum atractis pedibus cunus in qua nule aliae uices erant nisissei dulcissime et pissimae*’ (a vagina dos cidadãos romanos foi fodida, as pernas abertas; não há substitutos, exceto para os mais doces e abençoados) (CIL IV, 1261). Embora de difícil interpretação, dado que o texto transcreve a linguagem oral, é interessante notar o uso de um termo com fortes

⁶ Cf. Adams, 1987: 118.

conotações religiosas, 'piissimae <sc. mulieres>' (as mulheres mais abençoadas) em conexão com uma 'fututio' (relação sexual)⁷.

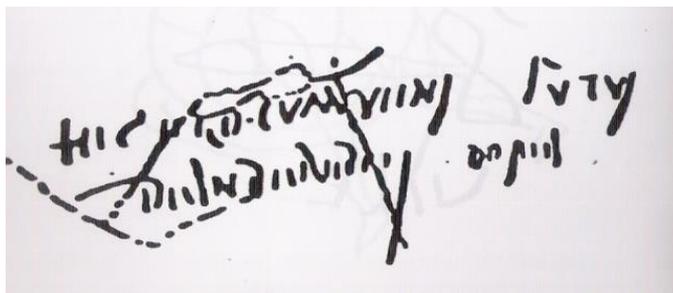


Figura 07



Figura 08

Alguns grafites são claramente propiciatórios: '*bene valeas qui bene futues*' (você está em boa forma se for um bom fodedor) (CIL IV, 2274) (Väänänen, 1937: 36). A mesma interpretação vale para uma inscrição de uma mulher: '*fututa sum hic*' (foi fodido aqui) (CIL IV, 2217, Figura 09). Adams (1987: 120) comentou sobre este grafito, comentando que "não é o tipo de comentário que se esperaria de uma pessoa que considera ter sido vítima de um ato humilhante". Essa suposição está correta, mas não acreditamos que isso represente um "uso neutro da palavra" (Adams, 1987: 120). Se *fututio* for considerado um ato que trouxe boa sorte, é natural que homens e mulheres tenham usado a palavra para se protegerem do mal. Essa hipótese é reforçada por uma série de inscrições que se referem às mulheres como 'mulheres fodedoras'. Uma inscrição latina escrita em grego refere-se a '*Mola phoutoutris*' (Mula fodedora) (CIL IV, 2204, Figura 10)⁸, enquanto uma em latim menciona '*Miduse fututrix*' (Miduse fodedora) (CIL IV, 4196, Figura 11). Parece que a única explicação razoável para essas inscrições é que *fututio* era uma atividade louvável quando se tratava de homens e mulheres.

⁸ Cf. Dubuisson, 1992: 189.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.7, n.2 - 2022.2. p. 19-42.

DOI: 10.34024/herodoto.2022.v7.15467

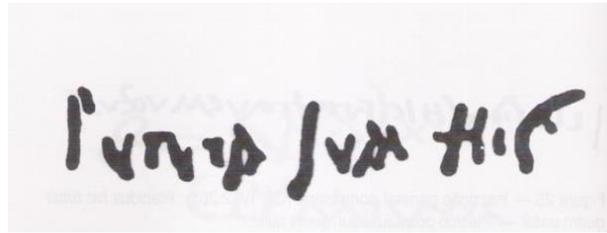


Figura 09

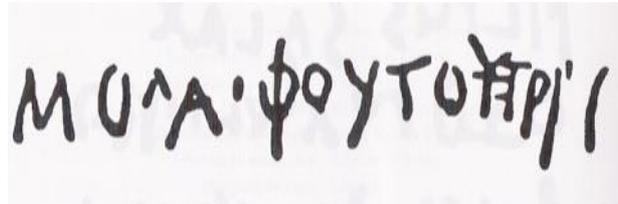


Figura 10

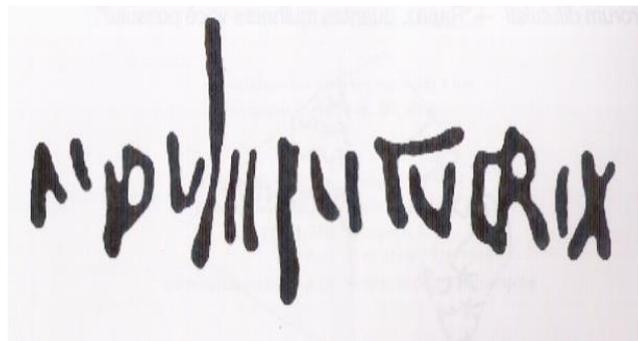


Figura 11

Um grafite mal escrito fornece evidências interessantes do uso popular de referências à relação sexual como um dispositivo para trazer boa sorte: '*filius salax qud tu mulieriorum difutuisti*' (Rapaz lascivo, quantas mulheres você fodeu!) (CIL IV, 5213, Figura 12). Vários vulgarismos na frase dificultam sua interpretação, mas não parece provável que *filius salax* (literalmente, “jovem que gosta de pular”) fosse pejorativo (*contra Adams, 1987: 206*). Considerando que o adjetivo *salax* foi usado principalmente em referência a animais machos, sua referência a um menino pode ser explicada pelo fato de o escritor ser provavelmente uma pessoa muito humilde, provavelmente conhecedor de gírias sertanejas. Isso também poderia explicar o uso de *filius* (filho) como “rapaz” (Väänänen, 1937: 191). Existem outras referências à boa ou má sorte como resultado de *fututiones*. A conhecida inscrição de Floronio é um exemplo

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.7, n.2 - 2022.2. p. 19-42.
DOI: 10.34024/herodoto.2022.v7.15467

disso: 'Floriuns binet ac miles leg. vii hic fuit, neque mulieres scierunt, nisi paucae, et ses, erunt' (Floronio, fodedor e soldado da sétima legião, esteve aqui <sc. uma estalagem> e nenhuma mulher percebeu o fato... eram somente 6, então seriam um número muito pequeno <sc. para este homem orgulhoso>) (CIL IV, 8767) (Funari, 1993: 134). A intenção de Floronio neste grafite era proteger-se do azar que poderia resultar da abstinência, e ele o fez referindo-se a si mesmo como um 'fodedor' ('binetas', em grego) e, assim, reafirmando sua capacidade sexual.

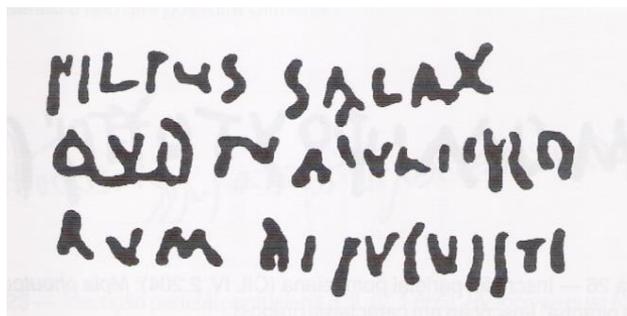


Figura 12

É possível concluir a partir desses exemplos que as referências explícitas à relação sexual eram apotropaicas? Não há uma resposta fácil para essa pergunta, mas gostaríamos de enfatizar que pesquisas recentes sobre arqueologia e sexualidade nos permitem buscar abordagens menos normativas para esses grafites. Como Voss e Schmidt (2000) argumentaram, devemos compreender a sexualidade no passado como interconectada com sistemas sociais e culturais. Com isso em mente, acreditamos que estudar os grafites em seu suporte material e em seu próprio contexto pode nos ajudar a compreender a sexualidade e o cotidiano romanos em sua plena diversidade de significados. Que o falo estava imbuído de conotações profundamente religiosas e serviu como um verdadeiro símbolo apotropaico é amplamente reconhecido. Por outro lado, o uso generalizado de referências a relações sexuais por pessoas comuns geralmente não tem explicação. Tais práticas não podem ser imputadas apenas ao desejo sexual natural (Bing; Cohen, 1991: 1). Por outro lado, é fácil entender que, se a fertilidade está na raiz das propriedades mágicas ligadas às representações fálicas, então a popularidade das referências à relação sexual seria mais clara. Anos atrás, Pierre-Grimal (1943/1969: 47-49) fez questão de enfatizar que os cultos de fertilidade eram comuns não entre as elites, mas entre “libertados, escravos, pessoas muito comuns”. As preocupações com a má sorte e o mau-olhado também foram consideradas típicas de pessoas humildes por

Jordan (1990: 438). Na cultura religiosa popular (Kuenzel, 1992: 1055), não há razão para não supor que *frututiones* estivessem associados ao falo e que relações sexuais e referências fálicas estivessem ligadas tanto à fertilidade quanto à boa sorte. A “*religion des gens incultes*” (religião de pessoas não cultas) (Gourevitch, 1991: 49), embora difícil de entender, é certamente evidente em antigas inscrições cursivas romanas escritas em latim vulgar⁹.

A onipresença das referências à relação sexual nos grafites das paredes de Pompeia é impressionante, e os termos que se referem a ela evocam assuntos relacionados, como '*fructus*' (gozo) (por exemplo, CIL IV, 2245) e '*felicitas*' (felicidade, sorte) (John, 1982: 65) (por exemplo, CIL IV, 1454). Os gestos são uma clara indicação da associação entre a relação sexual e a proteção contra más influências, como indicado pelo uso dos dedos para imitar a relação sexual¹⁰. A obscenidade ritual, as canções obscenas de casamento e outros atos cerimoniais de fertilidade e apotropaicos não devem, portanto, ser separados das referências sexuais comuns. Parece razoável supor que o uso cotidiano da linguagem sexual, representada nos grafites, fosse resultado das propriedades apotropaicas associadas tanto à própria relação sexual quanto às referências orais e escritas a ela. Para pessoas comuns desprotegidas e sujeitas à manifestação do mal na forma de doença, pobreza e fome, soletrar palavras de cunho sexual poderia pelo menos ter sido uma maneira acessível de afastar a má sorte.

Considerações Finais

Para concluir, gostaríamos de enfatizar que nossa escolha dos grafites apotropaicos como estudo de caso se origina de nossa crença de que esse tipo de inscrição pode desafiar percepções modernas comuns e ajudar aos estudiosos em sua busca por significados alternativos da cultura material, em repensar teorias e métodos, bem como as interpretações de sociedades passadas. Se associarmos tais indagações à variedade de suportes materiais e contextos de escrita evidenciados na epigrafia, poderemos capturar os hábitos epigráficos romanos em sua multiplicidade e reconsiderar a ideia da língua latina como restrita a determinados membros da elite. Ao optar por não centrar nossa análise na escrita canônica ou monumentos oficiais, mas nas paredes de teatros, casas e prostíbulos, podemos observar a lógica própria do simbolismo

⁹ Cf. Vossler, 1954: 49.

¹⁰ Cf. Ov. *Fast.* 5.433.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.7, n.2 - 2022.2. p. 19-42.

DOI: 10.34024/herodoto.2022.v7.15467

apotropaico, evitando a noção de transferência cultural, seja de romanos para nativos ou da elite para as pessoas comuns.

Considerando essa abordagem, acreditamos que a cultura material – aqui representada por paredes e colunas – desempenha um papel ímpar ao contar as histórias de pessoas invisíveis ou menosprezadas nas fontes escritas, e que pode nos ajudar a compreender melhor como viviam homens e mulheres comuns afetados pelo poder romano. Nossa intenção aqui, portanto, foi examinar as maneiras pelas quais o registro arqueológico, particularmente a epigrafia, quando colocado em seu contexto material adequado, pode sugerir novas abordagens para estudar o Império Romano, a sexualidade antiga e o simbolismo religioso. Como a sexualidade e as percepções religiosas são efêmeras e seu significado pode mudar ao longo do tempo, sua natureza transitória exige o desenvolvimento de novas abordagens teóricas. Como os grafites apotropaicos remetem a experiências diversas e, quando materializados, podem se tornar lugares de memória, sugerimos que possam nos ajudar a compreender melhor aqueles membros da sociedade cujos desejos e visões de mundo nem sempre foram visíveis.

Nesse sentido, como já observou Funari (1986), o grafite pompeiano representa um campo aberto para exploração. Se considerarmos essas inscrições em seu contexto espacial, torna-se possível abordar o mundo romano de forma mais plural. Os grafites apotropaicos aqui discutidos são apenas um exemplo, mas revelam o potencial dos aspectos sociais e culturais de espaços escritos pouco estudados. O grafite apotropaico também desafia o silêncio dos estudiosos sobre assuntos menos tradicionais e lança luz sobre inúmeras formas de interação social. Em outras palavras, o grafite apotropaico pode nos ajudar a pensar os efeitos imperiais de maneira menos monolítica.

Agradecimentos

Agradecemos a Alan Bowman, Catherine Johns, Sian Jones, Lourdes Feitosa, Martin Hall, Richard Hingley, Ian Hodder, Ray Laurence, José Remesal, Michael Shanks, Greg Woolf, Universidade Estadual de Campinas, Universidade Federal do Paraná, Universitat de Barcelona, British Academy, CNPq, FAPESP e CAPES. A responsabilidade das ideias aqui expressas recai apenas sobre os autores.

Abreviações das edições das fontes Primárias

CIL *Corpus Inscriptionum Latinarum* (Berlin, 1863-).

Bibliografia Citada

ADAMS, James Noel. *The Latin Sexual Vocabulary*. Londres: Duckworth, 1987.

ALFÖLDY, Geza. La cultura epigráfica de los romanos: la diffusion de un medio de comunicación y su papel en la integración cultural. In: REMESAL RODRIGÉS, Jose et al. (eds). *Vivir en tierra extraña: emigración e integración cultural en el mundo antiguo*. Barcelona: Universitat Barcelona, 2003, p. 137-149,

BAIRD, Jennifer; TAYLOR, Claire (eds). *Ancient Graffiti in Context*. Nova York: Routledge, 2011.

BARBET, Alix. La représentation des gladiateurs dans la peinture murale romaine. In: *Les gladiateurs: Lattes, 26 mai-4 juillet 1987; Toulouse, 13 juillet-début septembre 1987: exposition / conçue et réalisé par le Musée archéologique de Lattes*. Lattes: Imago, 1987, p. 69-74.

BING, Peter; COHEN, Rip (eds). *Games of Venus. An Anthology of Greek and Roman Erotic Verse from Sappho to Ovid*. Londres: Routledge, 1991.

BOARDMAN, John. The Phallos-Bird in Archaic and Classical Greek Art. *Revue Archéologique*, 2, 1992, p. 227-242.

BOWMAN, Alan; WOOLF, Greg (eds). *Literacy and Power in the Ancient World*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

CANTARELLA, Eva. *Secondo natura. La bisessualità nel mondo antico*. Roma: Riuniti, 1988.

CEBE, Jean-Pierre. *La caricature et la parodie dans le monde romain antique des origines à Juvenal*. Paris: De Boccard, 1966.

DUBUISSON, Michel. Le Grec à Rome à l'époque de Cicéron. Extension et qualité du bilinguisme, *Annales*, 1, 1992, p. 187-206.

FEITOSA, Lourdes Conde. *Amor e sexualidade: o masculino e o feminino em grafites de Pompéia*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2005.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.7, n.2 - 2022.2. p. 19-42.
DOI: 10.34024/herodoto.2022.v7.15467

FUNARI, Pedro Paulo. Cultura(s) dominante(s) e cultura(s) subalterna(s) em Pompéia: da vertical da cidade ao horizonte do possível. *Revista Brasileira de História*, 7, (13), 1986, p. 33-48.

FUNARI, Pedro Paulo. *Cultura Popular na Antigüidade Clássica*. São Paulo: Contexto, 1989.

FUNARI, Pedro Paulo. Dressel 20 Amphora Inscriptions Found at Vindolanda: The Reading of the Unpublished Evidence. In: MAXFIELD, Valerie; DOBSON, Michel (eds). *Roman Frontier Studies 1989: Proceedings of the XVth International Congress of Roman Frontier Studies*. Exeter: University of Exeter Press, 1991, p. 65-72.

FUNARI, Pedro Paulo. Graphic Caricature and the Ethos of Ordinary People at Pompeii. *Journal of European Archaeology*, 2, 1993, p. 131-148.

FUNARI, Pedro Paulo. Bretanha romana - Estudos recentes sobre a Arqueologia da Bretanha romana. *Revista de História da arte e Arqueologia*, 1, 1994, p. 249-252.

FUNARI, Pedro Paulo. O pensamento popular nas inscrições parietais pompeianas. *Boletim do Centro do Pensamento Antigo*, 16, 2003, p. 101-118.

GARRAFFONI, Renata Senna. *Gladiadores na Roma Antiga: dos combates às paixões cotidianas*. 2ª Edição revisada e ampliada. Curitiba: Editora da UFPR, 2021.

GARRAFFONI, Renata Senna. Gladiators Daily Lives and Epigraphy: A Social Archaeological Approach to the Roman *munera* During the Early Principate. *Nikephoros: Zeitschrift für Sport und Kultur im Altertum*, 21, 2008, p. 223-241.

GARRAFFONI, Renata Senna; LAURENCE, Ray. Writing in Public Space from Child to Adult: The Meaning of Graffiti. In: SEARS, Gareth; KEEGAN, Peter; LAURENCE, Ray (eds). *Written Space in the Latin West, 200BC to AD300*. Londres: Bloomsbury, 2013, p. 123-134.

GARRAFFONI, Renata Senna; SILVA, Lorena Pantaleão. O feminino adentra a arena: mulheres e a relação com o as lutas de gladiador na Roma imperial. *Caminhos da História (UNIMONTES)*, v. 15, 2010, p. 61-83.

GARRAFFONI, Renata Senna; FUNARI, Pedro Paulo. Reading Pompeii's Walls: A Social Archaeological Approach to Gladiatorial Graffiti. In: WILMOTT, Tony (ed.). *Roman Amphitheatres and Spectacula: A 21st Century Perspective*. Oxford: Archaeopress, 2009, p. 185-193.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.7, n.2 - 2022.2. p. 19-42.

DOI: 10.34024/herodoto.2022.v7.15467

GARRAFFONI, Renata Senna. Subaltern masculinities: Pompeian graffiti and excluded memories in the early Principate. In: COURRIER, Cyrril; OLIVEIRA, Julio César Magalhães de (eds.). *Ancient History from below – subaltern experiences and actions in context*. Londres: Routledge, 2022, p. 175-192.

GICHON, Moderchai. Who Were the Enemies of Rome on the Limes Palestinae?. *Studien zu den Militärgrenzen Roms III: 13. Internationaler Limeskongress, Aalen 1983. Vorträge*, Stuttgart: Kommissionsverlag K. Theiss, 1986, p. 584-592.

GILMORE, David. Men and Women in Southern Spain: "Domestic Power" Revisited. *American Anthropology*, 92 (4), 1990, p. 953-970.

GOLD, Barbara. But Ariadne Was Never There in the First Place: Finding the Female in Roman Poetry. In: RABINOWITZ, Nancy; RICHLIN, Amy (eds). *Feminist Theory and the Classics*. Londres: Routledge, 1993, p. 75-101.

GOUREVITCH, Aaron. La science historique et l'anthropologie. *Sciences Sociales*, 3, 1991, p. 113-138.

GRIG, Lucy. Approaching Popular Culture in the Ancient World. In GRIG, Lucy (ed.). *Popular Culture in the Ancient World*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017, p. 1-36.

GRIMAL, Pierre. *Les Jardins romains*. Paris: Presses Universitaires de France, 1969.

HUGONIOT, Christophe. Saint Augustin et les spectacles de l'amphithéâtre en Afrique romaine. *Histoire de l'Art*, 17/8, 1992, p. 11-21.

JOHNS, Catherine. *Sex or Symbol, Erotic Images of Greece and Rome*. Londres: British Museum Publications, 1982.

JORDAN, David. Curses From the Waters of Sulis. *Journal of Roman Archaeology*, 3, 1990, p. 437-441.

KEEGAN, Peter. Blogging Rome: Graffiti as Speech-Act and Cultural Discourse. In BAIRD, Jennifer; TAYLOR, Claire (eds). *Ancient Graffiti in Context*. Nova York: Routledge, 2011.

KUENZEL, Rudi. Paganisme, syncrétisme et culture religieuse populaire au Haut Moyen Age, réflexions de méthode. *Annales*, 4-5, 1992, p. 1055-1069.

LAMBERTERIE, Charles de. Le verbe *binein* et le nom de la Femme. *Revue de Philologie*, 65, (1), 1991, p. 149–160.

LANGNER, Martin. *Antike Graffitzeichnungen – Motive, Gestaltung und Bedeutung*. Wiesbaden: Ludwig Reichert, 2001.

LOPES BARJA, Pedro. *Epigrafia Latina*, Santiago: Tórculo Artes Gráficas, 1987.

MACMULLEN, Ramsay. The Epigraphic Habit in the Roman Empire. *The American Journal of Philology*, 103, 1982, p. 233–246.

MACMULLEN, Ramsay. *Changes in the Roman Empire. Essays in the Ordinary*. Princeton: Princeton University Press, 1990.

MEYER, Elizabeth. Explaining the Epigraphic Habit in the Roman Empire: The Evidence of Epitaphs. *Journal of Roman Studies*, 80, 1990, p. 74–96.

MONTERO, Enrique. *El Latín erótico. Aspectos léxicos y literarios (hasta el siglo I d.C.)*. Sevilla: Universidad de Sevilla, 1991.

PINA-CABRAL, João de. Tamed Violence: Genital Symbolism in Portuguese Popular Culture. *Man, New Series*, 28 (1), 1993, p. 101–120.

RICHLIN, Amy. *The Garden of Priapus. Sexuality and Aggression in Roman Humor*. Nova Haven: Yale University Press, 1983.

SABBATINI TUMOLESI, Patrizia. *Gladiatorum paria: annunci di spettacoli gladiatorii a Pompei*. Roma: Edizioni di storia e letteratura, 1980.

SABBATINI TUMOLESI, Patrizia. *Epigrafia anfiteatrale dell'Occidente romano. 1, Roma*. Roma: Edizioni Quasar, 1988.

SAVUNEN, Liisa. Women and Election in Pompeii. In: HAWLEY, Richard; LEVICK, Barbara (eds). *Women in Antiquity: New Assessments*. Londres; Nova York: Routledge, 1995, p. 194–206.

SHANKS, Michel; HODDER, Ian. Processual, Postprocessual and Interpretive Archaeologies. In: WHITLEY, David (ed.). *Reader in Archaeological Theory: Post-processual and Cognitive Approaches*. Londres: Routledge, 1998, p. 69–94.

TUPET, Anne-Marie. Rites magiques dans l'antiquité, romaine. *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt*, 16, (3), 1986, p. 2591–2675.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.7, n.2 - 2022.2. p. 19-42.
DOI: 10.34024/herodoto.2022.v7.15467

UCKO, Peter J. Archaeological Interpretation in a World Context. In: UCKO, Peter J. (ed.). *Theory in Archaeology: A World Perspective*. Londres: Routledge, 1995, p. 1-27.

VÄÄNÄNEN, Veikko. *Le latin vulgaire des inscriptions pompéiennes*, [ser.] B. XL, 2 . Helsinki: *Annales Academiae scientiarum fennicae*, 1937.

VAN DOMMELEN, Peter. Colonial Constructs: Colonialism and Archaeology in the Mediterranean. *World Archaeology*, 28, (3), 1997, p. 305-323.

MAULUCCI VIVOLO, Francesco Paolo. *Pompei: i graffiti figurati*. Foggia: Bastogi, 1993.

VOSS, Barbara; SCHMIDT, Robert. Archaeologies of Sexuality: An Introduction. In: VOSS, Barbara; SCHMIDT, Robert (eds). *Archaeologies of Sexuality*. Londres; Nova York: Routledge, 2000, p. 1-32.

VOSSLER, Karl. *Einführung ins Vulgärlatein*. Munich: Hueber, 1954.

WEEBER, Karl-Wilhelm. *Panem et circenses: Massenunterhaltung als Politik im antiken Rom*. Mainz am Rhein: Philipp von Zabern, 1996.

WILLIAMS, Craig. *Roman Homosexuality. Ideologies of Masculinity in Classical Antiquity, Ideologies of Desire*. Oxford: Oxford University Press, 1999.